

Nova montagem do Grupo Corpo, *Imã* explora o jogo entre cor e movimento, subordinando a coreografia ao espetáculo. Leveza marca a parceria de Rodrigo Pederneiras com o coletivo +2

LUMINOSO

MARCELLO CASTILHO AVELLAR*

De São Paulo



Rodrigo Pederneiras subestima a força de seu estilo. Promete movimentos novos, mas não consegue se livrar dos antigos. Ou de seu modo de organizá-los. Melhor para nós. *Imã*, que o Grupo Corpo estreou quarta-feira, em São Paulo, é

daquelas coreografias que, ao mesmo tempo, nos excitam pelo que mostram de inesperado e acalmam pelo que têm de conhecido. A regra do jogo pode ser a harmonia dos opostos: corpos que se atraem e se repelem, por exemplo. Para realizá-la, o coreógrafo dá forma nova a antigas obsessões: a forma produzida pelos casais dançando entrelaçados no início (como insetos, criaturas de seis pernas) evoca suas coreografias abertas com o caos, como *A criação* ou *Benguelê* — ou mesmo alguns momentos de *21*; a lógica que ele usa para alternar passagens de conjunto, duos ou solos, é uma espécie de marca registrada; e, se a extremidade dos membros frequentemente se movimenta de maneira nova, a ginga e a paixão pelos quadris são nossas conhecidas.

Imã tem jeito de baile. Com ele vem aquela sensação gostosa de que os bailarinos estão dançando uns com os outros, não simplesmente se exibindo para nós. Têm direito até a dançar com o corpo coladinho. Aí, vem alguma coisa e desmancha ou desestrutura o dançar coladinho que a gente já pensava conhecer. Novamente, o truque principal de Rodrigo Pederneiras: fazer com que pensemos que ele vai numa direção quando já começou a andar em outra. Tem



Em clima de baile, *Imã* permite muitas ousadias ao coreógrafo e dá grande liberdade para os movimentos dos bailarinos

novos sócios na estratégia: a trilha assinada pelo coletivo +2 (Moreno, Domenico e Kassin costumam se intitular trio, mas são mesmo um coletivo) vai pelo mesmo caminho. Seus ritmos vão do samba (que também dá as caras no movimento) à bossa nova. Cada vez que o corpo do espectador embala num deles, a música dá uma guinada, rumo a outra coisa que já conhecemos, ou rumo a um som que não esperávamos que estivesse lá.

TENSÃO *Imã* respira a partir desse duplo jogo. De um lado, coreografia e trilha brincam entre estruturação e desestruturação. De outro, brincam uma com a outra. Quando uma finge que está montando algo, a outra já está desmontando, e vice-versa. O resultado é algo incomum: um espetácu-

lo de dança cujos acentos não estão nem na coreografia nem na trilha, mas na alternância entre o acento de uma e de outra, entre os momentos em que as duas propõem tensão e as duas apresentam relaxamento, ambos em oposição dinâmica a outros instantes, quando uma vai crescendo e a outra caminha rumo ao repouso. Trilha e coreografia não insistem em se sublinhar ou reforçar, conversam o tempo todo.

A questão do espetáculo como algo que transcende a soma das partes vai além desse jogo entre som e movimento. Se o trabalho do Grupo sempre se caracterizou por essa forma de harmonia, *Imã* a leva ao extremo, reduzindo a supremacia da coreografia em relação às outras partes. Tomemos, como comparação, a obra

que talvez tenha se tornado a mais popular da trajetória do grupo: *Nazzareth*. As rosas de Fernando Velloso são lindas, a brejeirice do figurino de Freusa Zechmeister é um espetáculo em si, a luz de Paulo Pederneiras é maravilhosa; mas a coreografia, se apresentada sem tudo isso, teria praticamente as mesmas qualidades e os mesmos defeitos. Em *Imã*, o jogo com a cor, e entre ela e o movimento, faz com que a autonomia seja do espetáculo, não da coreografia.

RECORTE O Grupo sempre teve fascínio pelo choque entre as cores. Já realizou experiências preciosas nesse sentido, em obras como *21*, *7 ou 8 peças para umballet* ou *Lecuona*, só para lembrar algumas. Em *Imã*, o tempo todo, a essência da imagem pare-

ce formada pelo recorte dos corpos dos bailarinos contra a cor do fundo ou o linóleo, ou pelo duplo recorte do figurino no corpo do bailarino, de sua cor contra o fundo de outra cor. Já seria um belo conjunto se estático. Movimentado pela coreografia, esse jogo entre recortes produz algo aparentado ao desenho animado, não o desenho animado narrativo, convencional, mas as experiências de gênios como Norman McLaren, que pensaram o cinema como manifestação essencialmente sensorial, experimental e espetacular antes de ser dramática. É uma cor que se transforma em outra, e volta um pouco, e avança novamente, e se deixa invadir por uma terceira, tudo sem parar, sem rupturas. E deve ficar ainda melhor, já que a tecnologia usada para construir a suavidade da transição tende a se tornar mais familiar para os profissionais da técnica.

Em sua temporada de lançamentos, *Imã* vem acompanhado de *Bach*. A combinação é feliz, principalmente depois da angústia que muita gente deve ter sentido com a última criação do grupo, *Breu*. O final de *Bach* é daqueles momentos luminosos que só o Grupo sabe fazer, que atingem a retina do espectador como um raio de felicidade. Além disso, é coreografia que o novo elenco nitidamente sente mais prazer em dançar que os intérpretes que a estrearam em 1996 — algo que recentemente não havia ocorrido com a remontagem de obras da companhia. O resultado é um programa luminoso — *Bach* caminha dos cinzas e da frieza do azul para o dourado, *Imã* passa por todas as cores; *Bach* caminha do drama para a redenção, *Imã* chega bem próximo da comédia.

* O crítico viajou e conviveu com o Grupo Corpo